

A leitura na universidade: um diálogo com Platão



Ewerton Rezer Gindri

Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, e doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), também pela UNEMAT.

É professor de Língua Portuguesa e Literatura, na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso, professor substituto de Produção de Texto e Leitura, na Universidade do Estado de Mato Grosso e membro do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Sociedade (PPGEL/UNEMAT).

e-mail: ewertongindri@gmail.com



Escrevo esse texto ainda sob o efeito da recente leitura que fiz do Fedro, de Platão. Penso estar acompanhando Sócrates pelas margens do Ilisso, ouvindo, ao longe, Bóreas e sua cativa Orítia. Escrevo pensando nesse texto, pois me parece que o tema proposto para esse encontro é, de certa forma, o mesmo discutido pelo célebre ateniense: a língua como transmissor do conhecimento na pesquisa científica e universitária. Irei, então, a partir desse diálogo com a obra de Platão e das contribuições de Jacques Derrida (2005), tentar apontar algumas situações que julgo essenciais para o estudo acadêmico, especialmente na formação inicial.

A obra Fedro foi escrita na forma de diálogo, um diálogo socrático. Nele, Sócrates é convencido a sair da cidade, lugar que não abandona, pois, segundo ele, “regiões e árvores, nada me podem ensinar, somente os homens da capital ensinam [...]” (Platão, p. 4). A maneira pela qual Fedro convence Sócrates a deixar as movimentadas ruas de sua cidade é o interesse que o filósofo nutre por discursos. Fedro se propõe a mostrar a Sócrates o último discurso escrito por Lísias sobre o amor e, como é usual nas obras platônicas, Sócrates é convidado a dar sua opinião, porém, nesse momento, não se limita a falar sobre o amor, ensina também sobre a oratória. A primeira situação que chama a atenção do leitor é o fato de Fedro ter levado Sócrates “para fora”.

Perceba-se que Sócrates admite preferir a cidade, pois é com os homens da capital que pode aprender, é com eles e somente no diálogo com eles que sua maieutica se mostra eficaz. Pode-se dizer que a convivência com o outro, o debate regado pela razão, mostra-se um pilar para o conhecimento, segundo o procedimento socrático, mas especialmente para o ensino. A primeira fase do chamado método socrático consistia em destruir as certezas de seu interlocutor, através da demonstração da insuficiência das respostas dadas às perguntas de Sócrates. De forma irônica, o filósofo ateniense demonstrava o quanto cada um ainda deveria crescer. Essa postura, como se sabe, lhe custou à vida, mas estava em consonância com a ideia expressa na escritura do oráculo de Delfos, pois, ao saber que não se sabe, abre-se lugar para o saber. Se o diálogo era

uma das bases de seu método, se a presença de um debatedor ao qual pudesse questionar lhe era essencial, por que aceitou o convite de Fedro? Por que se deixou levar para fora, para longe? Deixemos que o próprio Sócrates nos responda: “assim como se conduz uma rês faminta mostrando-lhe um ramo ou um fruto, também a mim, se me acenares com um discurso ou um manuscrito, poderás levar-me por toda a Ática ou para qualquer lugar aonde me queiras arrastar” (Platão, p. 4).

A necessidade de buscar os discursos, de ouvi-los é o que move Sócrates, é o que o faz ficar na cidade e agora é o que o leva para fora, discurso e manuscrito são postos em um mesmo nível, ambos são irresistíveis a quem deseja o conhecimento.¹ Esse é o primeiro ponto para o qual chamo a atenção, deve-se chegar ao texto escrito como quem chega a um diálogo. Disposto a questionar, a duvidar a analisar cada termo, cada afirmação, toda a estrutura. Quando Fedro se dispõe a fazer um resumo do discurso de Lisias, Sócrates, sabendo que seu amigo carrega o manuscrito, diz:

[...] mostra-me o que tens na mão esquerda, debaixo do teu manto! Suspeito que seja o próprio discurso. Caso eu tenha acertado, convence-te disto: tu és meu grande amigo, mas, estando o próprio Lisias desse modo presente, estou decidido a não te permitir uma simples repetição do discurso. (Platão, p. 3)

Ao continuar a leitura, é possível perceber que Sócrates não só dialoga com o pensamento de Lisias, mas questiona seu estilo. Interroga sobre a estrutura de seu discurso, quando, por exemplo, critica a não linearidade do mesmo, uma vez que começa o texto já pelo que Sócrates julga ser o fim. A esse respeito, diz:

Mas acho que convirás nisto: todo o discurso deve ser constituído como um ser vivo e ter um organismo próprio; não deve lhe faltar a cabeça nem os pés, e tanto os órgãos centrais como os externos devem estar dispostos de modo a se ajustarem uns aos outros, e também ao conjunto. (Platão, p. 27)

O segundo ponto a ser ressaltado é que quem lê um texto não apenas dialoga com seu autor sobre a temática tratada, mas também se expõe à estrutura empregada, tem contato com o gênero textual usado, apropriando-se de suas regularidades. Assim como Fedro foi impedido de fazer um resumo do discurso, estudantes devem ser desencorajados a limitar-se a resumos e

resenhas de obras, muitas delas encontradas na *Word Wide Web* sem garantia de procedência autoral. Ao mencionar a estrutura do texto, Sócrates mostra-nos que a leitura, encarada como parte da maiêutica, compreende a forma e conteúdo como partes indissociáveis na contração do discurso. Não basta “entender” o que é dito, deve-se buscar um crescimento pessoal a partir desse contato com o discurso, crescimento esse que vem na forma de aprendizagem, encarada como um voltar-se para si, não limitando-se a impor críticas ao discurso alheio, pelo contrário, as críticas ao discurso de outrem visam, antes de tudo, exercitar a mente, como quem toma um remédio, mas antes sente-se impedido a ler as indicações e os efeitos colaterais possíveis.

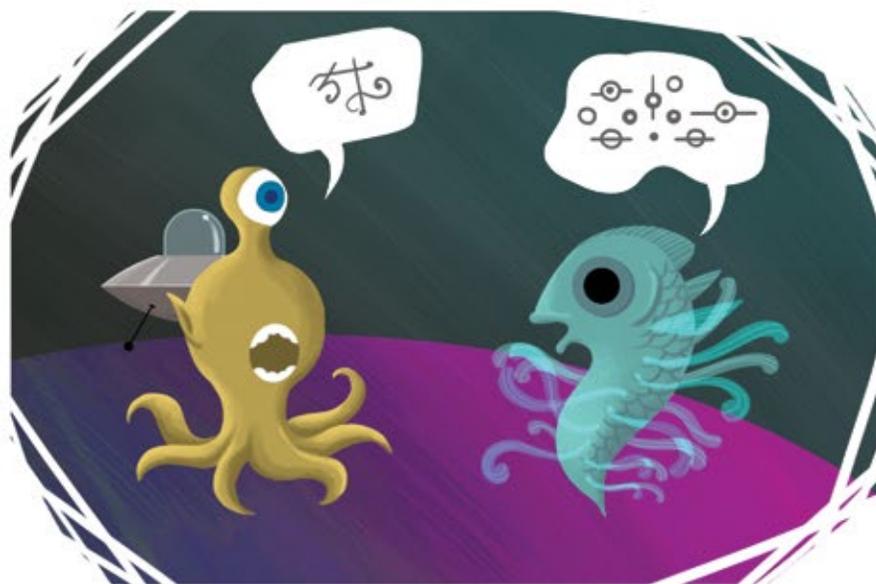
Finalmente, no Fedro, Platão usa a palavra *Phármakon* para descrever a escrita, especialmente quando Sócrates conta a Fedro o mito de Thoth. Nesse mito, Tamus, o rei de todo o Egito, julgava as invenções, dando-lhes louvores ou advertências. Nesse ritual:

Quando chegaram à escrita, disse Thoth: “Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria”. Responde Tamuz: “Grande artista Thoth!”. Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. (Platão, p. 35)

Derrida (2005) faz uma magistral análise dessa passagem, em seu livro *A farmácia de Platão*. Nessa leitura, Derrida (2005) tenta salientar o caráter polissêmico do termo grego *phármakon*, o qual poderia significar tanto o remédio, quanto o veneno. Assim, afirma o escritor francês, “a escritura não terá valor em si mesma, a escritura só terá valor se e na medida em que deus-ou-rei a estime” (p. 22). Isso por que “o bem (o pai, o sol, o capital) é, pois, a fonte oculta, iluminante e cegante, do logos” (p. 28).

Em uma era tomada pela tecnologia digital, na qual as informações estão à distância de um clic, penso que a advertência de Tamus mostra-se ainda mais viva, mas a leitura derridiana, a polissemia constituinte da escrita, a possibilidade de também

1 Há toda uma discussão sobre a valorização da escrita na filosofia de Sócrates e na obra de Platão a qual não reproduziremos nesse texto, mas admitiremos a perspectiva adotada por Jaques Derrida, em *A farmácia de Platão*, na qual o valor da escrita não reside em si mesma, mas na capacidade de se chegar ao esclarecimento a partir do jogo que ela suscita.



ser um remédio, deve ser explorada. A leitura, então, na perspectiva que assumimos nesse texto, deve nos levar ao crescimento a partir do diálogo com o texto, tendo ele, nesse sentido, um papel maior do que a simples coleta de dados. Lembremos que “o *phármakon* socrático também age como um veneno [...] e a picada socrática é pior que aquela das víboras, pois seu rastro invade a alma” (Derrida, 2005, p. 66). Isso significa que o *lógos* deve comunicar com o leitor de forma profunda, marcar seu espírito e isso não ocorre em leituras rápidas e superficiais em sites de busca. O acadêmico deve, portanto, procurar ter a leitura como uma experiência de aprendizagem, de autoaprendizagem, deve ser levado a compreender que os discursos são mais do que informações e que a superficialidade das postagens feitas em redes sociais não suscita o crescimento pessoal, tampouco seu amadurecimento enquanto pesquisador.

Dito isso, o *phármakon* moderno poderá destruir os jovens estudantes que se chegaram a ele de maneira desavisada, escondendo debaixo de suas vestes o rascunho do discurso com o objetivo de decorá-lo. Isso não basta. A necessidade do diálogo com a obra, de apropriar-se de sua estrutura de forma crítica, dominando e questionando as bases históricas e psicossociais do gênero textual em tela e a consciência do caráter polissêmico do ato de ler devem servir de alicerces para o estudo.

Referências

Derrida, J. (2005). *A farmácia de Platão* (Trad. Rogério da Costa). São Paulo: Iluminuras.

Platão. (1997). *Fedro* (Trad. Manuel Pulquério e Maria Teresa Schiappa de Azevedo). Lisboa: Edições 70.